

**CANTO AOS MARGINAIS**

**Manoel de Andrade**



Quem quer que sejas,  
ainda que um pária,  
hoje é para ti que eu canto.

Não importa quem és ou quem foste...  
se ladrão, mendigo, prostituta ou bandido  
se desprezado, condenado, execrado pelo mundo...  
eu te acolho na guarida dos meus versos  
te saúdo com o coração limpo  
e no calor de minha poesia  
espero dar-te o que de mais belo eu tenho.

Sente que te estendo a mão  
te cumprimento e saímos juntos a caminhar  
e não creias que eu possa ser melhor que tu  
ainda que sejas a mais vil das criaturas...  
Quem sabe, no insondável itinerário da alma,  
já tropecei na mesma pedra onde caíste  
e escorreguei no mesmo abismo onde te encontras.  
Talvez eu já tenha empunhado uma arma para o assalto,  
já tenha me prostituído e me vendido.  
Por certo, no saldo milenar das injustiças,  
também provei, como tu, a fome, o frio e o abandono.

Busco aqui o teu perfil no tempo...  
tua alma amanhecida...  
teu coração desarmado.  
E te pergunto, comovido: onde morreu tua infância?  
Quem abriu tuas feridas?  
Quem causou teu desencanto?  
Quando te faltou o pão e a miséria sitiou teus passos?  
Quem rasgou tua cartilha?  
Onde abateram teu norte e te demarcaram a sarjeta?

Quando abortaram teus sonhos e te enredaram na lama?  
E no torvelinho da vida, quem partilhou teus pecados?  
Onde estão teus fariseus e as pedras que te atiraram?  
São só tuas as cicatrizes?  
Somente tu és culpado?  
Eis a tua penitência...a tua herança infamante,  
é o teu fardo solitário,  
tuas algemas, teu cárcere  
teu pecado original.

Quem quer que sejas  
ambos nascemos no berço da inocência  
e a vida poderia fazer de ti um poeta  
e de mim um marginal...  
eis porque sou teu irmão  
e minha sorte não pode me separar de ti..  
E se um dia,  
minha poesia chegar aos subúrbios da existência humana  
e puder ecoar em teus ouvidos,  
onde quer que estejas,  
também lá eu estarei contigo  
tão presente como neste momento.

Quero que saibas  
o quanto és importante para mim,  
quanto preciso de ti para cantar-te  
e sinto  
e desejo que tu sintas  
que este poema foi escrito em parceria contigo.  
Mas não queiras saber quem sou  
meu nome nada significa  
por isso não me procures além da poesia.  
Sou apenas um rosto a mais na multidão,  
um viandante invisível do encanto,  
um passo solitário da utopia.  
Mas sou também, como tu, um passageiro da angústia,  
cidadão e prisioneiro de uma noite oficial.  
Hoje sou um transeunte do impasse e da penumbra  
indiciado no meu lírico combate...,  
bebendo na taça indesejável do silêncio,  
a indignação por outras delinqüências.  
Sou, eu te confesso, um portador do medo e dos pressentimentos...  
carregando também meu fardo de espanto  
e uma trincheira de luta  
que bem quisera partilhar contigo

Agora que me dei a conhecer,  
peço que também tu me compreendas,  
que aceites meu gesto solidário  
e minha compaixão pela falência dos teus passos.

E eis porque me faço semelhante a ti...  
para que olhes mais de perto pra ti mesmo  
e perguntes se valeu a pena a tua escolha.  
Sobretudo eu te peço  
que também tu me saúdes com o melhor de ti  
e me recebas no teu íntimo território  
como o primeiro convidado à festa da tua redenção.

Canto para dizer-te que há uma semente de amor no teu caminho,  
que um olhar compassivo te ampara desde sempre.  
Que há dois mil anos o mesmo Mestre te busca em outras faces...  
sejas tu Dimas, Madalena ou Barrabás.  
Sou teu irmão, teu amigo fraterno, o teu grande camarada  
e canto para te soletrar a esperança,  
para dizer-te que a luz das estrelas viaja nos teus olhos  
e que cabe a ti reconstruir o amanhecer.

Bem... amigo!!!  
eu te deixo agora  
e espero que tu saibas o que fazer de ti.  
Quanto a mim,  
não te preocupes,  
eu vou por onde meu sonho me levar.

Adeus, então...  
tenho um compromisso inadiável...  
um encontro solidário com as bandeiras do meu tempo  
e por isso, muitas coisas pra cantar.  
Mas se nossos caminhos nunca se cruzarem,  
se nós não nos reconhecermos na multidão,  
não importa...  
mas se um dia me encontrares nestes versos,  
não te esqueças de mim,  
leva-me contigo  
porque hoje sou apenas uma página clandestina.  
Lembro-te que só estarei vivo e presente nas palavras...  
na realidade já estarei muito longe  
talvez vivo, talvez morto, talvez um sobrevivente  
ou um viandante da imortalidade.  
Mas o que eu pensei de ti  
deixo a vagar pela eternidade afora  
e não importa que tu me encontres amanhã  
ou na curva dos séculos,  
o importante é que eu escrevi para ti,  
que tive saudade de ti, como de um amigo de infância.

Adeus,  
canto em tua busca.

Curitiba, março de 1969